

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O CONTO DE FADAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

SCIENTIFIC PRODUCTION ON FAIRY TALES: A LITERATURE REVIEW

Cícero Gomes Ribeiro

Mestre em Administração de Empresas (UCA)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9425833216082564>

E-mail: ciceroribeiro@stm.jus.br

Resumo: Este artigo analisa a produção científica sobre contos de fadas, identificando dois enfoques principais: público infantil e adulto. A metodologia consistiu em uma revisão bibliográfica de 26 artigos indexados no SciELO, utilizando as palavras-chave "Conto de fadas" e "Irmãos Grimm". Os resultados revelaram que os contos são frequentemente utilizados como ferramentas auxiliares em diversas áreas, como educação, psicologia e estudos de gênero, sem abordá-los em sua essência literária. Conclui-se que, embora os contos de fadas mantenham relevância social e cultural, a academia tende a empregá-los de forma instrumental, negligenciando análises mais profundas sobre seu universo próprio. O estudo destaca a necessidade de pesquisas que explorem os contos de fadas como objeto central de estudo, valorizando sua riqueza narrativa e simbólica.

Palavras-chave: Conto de fadas. revisão de literatura. público infantil. público adulto.

Abstract: This article analyzes the scientific production on fairy tales, identifying two main approaches: children and adults. The methodology consisted of a bibliographic review of 26 articles indexed in SciELO, using the keywords "Fairy tale" and "Brothers Grimm". The results revealed that fairy tales are often used as auxiliary tools in several areas, such as education, psychology and gender studies, without addressing them in their literary essence. It is concluded that, although fairy tales maintain social and cultural relevance, academia tends to use them instrumentally, neglecting deeper analyses of their own universe. The study highlights the need for research that explores fairy tales as a central object of study, valuing their narrative and symbolic richness.

Keywords: Fairy tale. literature review. Children. adults

Introdução

Comumente diz-se que os Contos de Fadas é um gênero da literatura destinado ao público infanto-juvenil, entretanto, nem sempre houve essa associação exclusiva com as crianças. Juvino (2013) afirma que os contos de fadas, historicamente, nasceram na França do século XVII, na faustosa corte do rei Luís XIV e pelas mãos do erudito Charles Perrault, um período em que tais textos eram destinados ao deleite de adultos. Para a autora, os contos de fadas eram destinados aos adultos como forma de entretenimento. O principal argumento seria que tais textos apresentariam elementos como: incesto, adultério, violência, entre outros.

Nota-se, entretanto, que esse gênero literário migrou para o público mais jovem a partir do século XVII e início do XVIII com o surgimento da literatura “extra-oficial” que eram destinadas exclusivamente para os adultos. É compreensível, entender os motivos de tais textos serem remetidos imediatamente ao público mais jovem, uma vez que, que o conto de fadas é uma narrativa otimista, que retrata os conflitos humanos trazendo resoluções positivas ao final (Gregorim Filho, 2009).

Essa migração dos contos de fadas do universo adulto para o universo infantil, não ocorreria na forma de uma ruptura, mas na forma de uma conciliação. Bettelheim (2003) afirma que com o passar dos anos e com o recontar das histórias ocorreu um fenômeno de refinamento das histórias tornando-as palatáveis tanto à ingenuidade das crianças quanto aos adultos mais exigentes.

Entretanto, pode-se ainda afirmar que os contos de fadas em muito extrapolaram até mesmo estes limites, na medida em que foram encontrados estudos que abordaram saberes como Educação, Psicologia, Psicanálise, Teoria Literária, Medicina, Enfermagem, Sociologia e Estudos de Gênero.

Pode-se ainda acrescentar a maneira massiva como os contos de fadas inspiraram, sendo em um número sem conta, como afirma Juvino (2013), seus temas, elementos mágicos e personagens, continuam fascinando e alimentando o imaginário infantil e o de adultos. Elementos que, retomados, resultam em atuais textos reescritos, parodiados, apropriados, subvertidos ao longo dos séculos e em especial, nas últimas décadas. A partir daí, buscamos analisar a produção científica sobre contos de fadas, identificando dois enfoques principais: público infantil e adulto.

Metodologia

Trata-se de uma revisão bibliográfica da produção científica sobre os contos de fadas. Utilizamos SciELO – Scientific Electronic Library Online por se tratar de um indexador interdisciplinar e por ter abrangência nacional. O levantamento foi realizado no mês de agosto de 2023. Selecionamos as seguintes palavras chaves: “Conto de fadas” e “Irmãos Grimm”.

Quadro I. Levantamento inicial

Palavras	N
Conto de fadas	22
Irmãos Grimm	04
Total	26

Fonte: elaborado pelos autores

Utilizamos como critérios de exclusão: a) artigos em duplicidade, o que levou à exclusão de 01 (um) artigo e; b) outros artigos por se tratar de pesquisas apenas em língua inglesa (excluímos 02). Por último, analisamos os títulos e resumo e excluímos 02 (dois) artigos que não tinham como foco o debate sobre os contos de fadas. Ao final, restaram 20 (vinte) artigos como *corpus* final de análise.

Quadro 2. artigos analisados “Contos de Fadas”

	Periódico	Autor/ano	Título
01	Pro-Posições	Gorete e Maria/2023	Contos de fadas na sala de aula: perspectivas de professoras atuantes na Educação Infantil
02	Revista Brasileira de Educação	Junior e Thies/2021	Em busca dos contos de fadas na contemporaneidade
03	Pandaemonium Germanicum	García/2020	O livro ilustrado de conto de fadas metatextual e metaficcional como reinvenção do conto Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm
04	Ilha do Desterro	Pinheiro e Gomes/2018	Os “Novos” Contos de Fadas: Tradição e Inovação em A Bela e a Adormecida, de Gaiman e Riddell
05	Caderno CRH	Leão/2016	Fazer do velho uma novidade: as reinvenções dos best-sellers juvenis
06	Cadernos CEDES	Abramowicz/1999	Contos de Perrault, imagens de mulheres
07	Psicologia em Estudos	Radino/2001	Oralidade, um estado de escritura
08	DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada	Lodi (2004)	Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas
09	Revista de Estudos Feministas	Martins/2016	“E a Bela dançou...”: subvertendo o belo feminino dos contos de fadas
10	Psicologia Clínica	Rosa/2008	A narratividade da experiência adotiva: fantasias que envolvem a adoção
11	Caderno de Tradução	Oliveira e Martins/2016	A nova edição dos contos de Perrault: Regina Zilberman ressignifica Walcyr Carrasco
12	Paidéia (Ribeirão Preto)	Alves e Emmel/ 2008	Abordagem bioecológica e narrativas orais: um estudo com crianças vitimizadas
13	DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada	Rojo/1998	Agir, obedecer e as formas de dizer a ação: as Interações Familiares na Construção das Ações, da Linguagem e do Sujeito Social
14	Revista Estudos Feministas	Wittmann/2014	Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de crossdressing no Brasil
15	Revista Estudos Feministas	Xavier Filha/2011	Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças
16	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	Ramos-Cerqueira, Lima, Torres, Reis e Fonseca/2004	Era uma vez... contos de fadas e psicodrama auxiliando alunos na conclusão do curso médico
17	Psico-USF	Werlang, Nunes e Borges/2014	Evidências de validade com base na estrutura interna no Teste dos Contos de Fadas

18	Psico-USF	Souza, Folquitto, Oliveira e Natalo/2008	Julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana
19	Revista Brasileira de Enfermagem	Luz/2003	O conto de fada e da paternidade moderna
20	Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso	Bricker/2017	Formas do grotesco em A amoreira

Fonte: Elaborado pelos autores

Resultados

A partir da leitura e análise dos artigos, buscamos categorizar os artigos a partir de seus temas principais, o que resultou em duas categorias: Contos de fadas aplicados ao universo dos adultos e Contos de fadas aplicados ao universo infantil.

Quadro 3. categorias de análise

Categoria		Quantidade	Descrição
01	Contos de fadas aplicados ao universo dos adultos	14	Encontram-se artigos que analisam os contos de fadas no universo adulto.
02	Contos de fadas aplicados ao universo infantil	08	Encontram-se artigos que analisam os contos de fadas no universo infantil

Fonte: dados da pesquisa

Contos de fadas aplicados ao universo dos adultos

Nesta categoria encontram-se treze artigos que analisaram os contos de fadas sob a problemática do universo adulto, destacando-se análises sobre feminismo, gênero e história das mulheres, a relevância das editoras na publicação de livros de contos de fadas, abordagem dos praticantes de *Crossdressin*¹ o Brasil, paternidade moderna, abordagens psicológicas e históricas, bem como abordagem entre tradição e inovação nos contos de fadas.

García (2020) analisou um livro ilustrado de conto de fadas em sentido lato, *Caperucita Roja* (tal y como se lo contaron a Jorge), dos argentinos Luís Maria Pescetti e Alejandro O'Kif (2016) sob a abordagem metatextual e metaficcional. O trabalho propõe uma abordagem do *campo* semiótico do conto de fadas, que o autor divide em Livros Ilustrados de Contos de Fadas, que se divide entre *stricto sensu* e *lato sensu*. O primeiro se restringiria a textos verbais, literários, enquanto o segundo abrangeria adaptações, versões, paródias, paráfrases e outros tipos de alterações, onde a obra em análise se encaixaria. Os Livros Ilustrados de Contos de Fadas *lato sensu* analisado embrenha-se numa abordagem artístico metatextual e metaficcional, tematiza e avalia a obra literária dos Irmãos Grimm. Para tal lança mão da intertextualidade e da metaficção em que pressupostos críticos e valorativos são apresentados, exigindo, contudo, uma participação ativa do leitor nesse processo.

Pinheiro e Gomes (2018) investigaram a tradição e a inovação na obra *A Bela e a Adormecida* por meio da análise da construção da narrativa. O trabalho visa uma isonomia entre o texto literário propriamente dito, que seria o centro das atenções na oralidade e questões técnicas que envolvem a produção de um texto escrito, um livro. Assim, elementos como diagramação e ilustração ganham grande importância pois, em alguma medida, rivalizam com o texto literário no que se refere a leitura da obra, o que, segundo os autores elevaria tais elementos ao *status* de autores

¹ Homens que se vestem de maneira conservadora no seu dia a dia, mas que em alguns eventos específicos vestem-se de mulher.

da obra. Obviamente que para isso o ilustrador e o diagramador deveriam contar com uma certa “liberdade criativa” para apresentarem sua contribuição na obra. Corroboram o trabalho as releituras, versões, adaptações e recriações disponíveis para o público infantil. Importante que se destaque que o trabalho destaca que tais modificações na obra original não a prejudicariam, pois mesmo modificados os textos apresentariam estruturas de arquétipos o que lhes conferiria um alcance universal.

Leão (2016) organizou um debate sobre a produção literária juvenil associada à venda massiva pretendendo conceituar os *best-sellers* e traçar as linhas históricas de conexão da produção contemporânea com a presença do livro europeu e americano na edição brasileira, desde o século XIX. Utilizaram o argumento de que os livros *best-sellers*, pegos na lógica da circulação mundial da cultura, lançam mão de um retorno temático ao passado, reinventando-se ao fazerem do velho uma novidade. Uma tendência vista no sucesso alcançados por obras que abordam aventuras que se passam no Egito antigo, fantasias medievais e com a explosão da magia, fadas, elfos e anões, figuras típicas na obra de J. R. R. Tolkien, autor de *Senhor dos Anéis* e de Harry Potter, de J. K. Rowling. A autora conclui que existe uma despreocupação por partes dos jovens leitores quanto a questões como identidade nacional, uma vez que tais obras não tratam do país onde residem. Tão pouco trazem em suas tramas a cultura que os leitores compartilham. Tal fenômeno seria possível porque os temas abordados seriam abstratos: amizade, amor, traição e inveja.

Abramowicz (1999) analisou o processo de apropriação por Perrault das histórias populares orais dos séculos XII ao XV, bem como as imagens de mulheres consagradas e celebradas em seus contos de fadas construídas e inscritas num determinado contexto. O artigo ainda analisa a possibilidade da reconstrução de uma história cultural e social dos contos de fadas. Constatou-se que os contos de fadas apresentam grau de importância, na medida em que revelam como os valores e hábitos sociais foram parcialmente influenciados pela literatura, especialmente com relação ao público infantil. O texto afirma que o discurso presente nos contos de fadas apresenta uma mulher que, depois de anos de submissão, encontra sua recompensa na forma de um príncipe e um casamento para, a partir desse momento, ser feliz. O artigo conclui que existe a mencionada subversão que já ocorre, embora lenta. Soma-se a isso que pouco se sabe sobre o uso que fazem as crianças desse novo discurso, sendo necessário reescrever ou escrever outros contos, visando a subversões neste universo, desejada no texto.

Oliveira e Martins (2016) analisaram o trabalho do tradutor/adaptador no que se refere a paratextos das reescritas. Os autores discutem em que medida um novo projeto editorial pode ressignificar uma reescrita, no caso em questão, a adaptação dos contos de Perrault feita por Walcyr Carrasco, inicialmente publicada pela Manole (2009) e agora em nova edição publicada pela Moderna (2013). Analisaram a tradução como resultado das relações específicas que ocorrem entre os parâmetros básicos envolvidos na atividade tradutória: o autor, o texto e o leitor das culturas fonte e meta constituídos tanto intra como inter sistemas, com foco no texto meta e seu autor. O trabalho apresenta uma análise do fenômeno editorial brasileiro, sob o aspecto de diversas publicações a respeito da obra de Perrault notadamente ao reconhecimento que o autor tem recebido, o que segundo o texto não ocorria. Um ponto que merece destaque é que no Brasil não foram publicadas a segunda parte do texto de Perrault, em versos, cujo tema é moralidades. O artigo defende, no trilha de Lefevre, que o fator interno constituído pelos profissionais: editores, críticos e tradutores, apresentam semelhanças em termos ideológicos em relação aos responsáveis pela patronagem: instituições, editoras e governos. A obra em questão, publicada pela editora Moderna, 2012, assinada pelo consagrado Walcyr Carrasco apresenta as influências dos agentes citados. O que termina numa tentativa de inserir Walcyr Carrasco na tradição de contador de histórias que remete a Perrault e passa pelos irmãos Grimm. O destaque é dado pela prefaciadora da obra, Regina Zilberman que, segundo o artigo, se alia ao projeto da Editora Moderna de valorização da obra.

Wittmann (2014) analisa o livro *Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes do crossdressing no Brasil*. Em que é abordado o universo em que homens se vestem de mulher. O ensaio teórico apresenta breve histórico da autora que inicialmente pesquisou o universo das drag queens e posteriormente voltou seus olhares para a nova modalidade. O artigo conclui justificando sua relevância mediante o ineditismo do tema e sugere a leitura do livro como fonte de informações para quem se interessar aprofundar no tema.

Ramos-Cerqueira *et al* (2004), analisaram as estratégias de acolhimento para os estudantes de medicina que chegavam ao término do curso. O artigo descreve uma atividade na qual se utilizou o Psicodrama como facilitador da expressão dos sentimentos e emoções experimentadas ao final do curso. Por dois anos consecutivos foram realizadas sessões de Sociodrama com o conjunto dos alunos do 6º ano do curso médico da FMB. Utilizaram Contos de Fadas como recurso para que os estudantes identificassem sua trajetória na instituição e o momento que estavam vivendo. A dramatização dos contos possibilitou a troca de experiências entre os alunos e o acolhimento de suas angústias, muitas delas coletivas e próprias daquele contexto. A análise dos contos privilegiou aspectos projetivos grupais, concluindo na direção da necessidade de mais espaços de encontro e troca entre professores e alunos.

Luz (2003) interpretou um parto hospitalar, sob a visão masculina, de acordo com as vivências culturais do indivíduo, dispendo-se à descoberta simultânea daquilo que oculta e desvela esse fenômeno, trazendo a ideia de que a presença do pai é importante no parto. Analisa o relato do material apresentado sob forma de narrativa de aparência ingênua dos contos de fadas de natureza simbólica e de fundo moral, usando-se o conto de Charles Perreaut intitulado Chapeuzinho Vermelho. Paulo (pai), Marieta (mãe), e Antônio (filho) e Ângela (bebê) são os atores da experiência observada que não se restringiu ao momento do parto, mas a momentos a priori e a posteriori visando buscar respostas para os sentidos ocultos do processo da paternidade conduz a uma trajetória literária de significação e arte: a alegoria. O que seria um olhar que capta a beleza do mundo moderno, oferecendo uma chave para interpretações das realidades humanas.

Bricker (2017), defende a relevância multifacetada da noção bakhtiniana do grotesco para o conto “A amoreira”, dos Irmãos Grimm. O artigo destaca a canção carnavalesca “Minha mãe me matou, Meu pai me comeu”, cantada por um pássaro nascido na árvore onde os ossos do filho são enterrados. As interpolações de prosa e verso no conto tornam-se centrais para sua descrição do desenvolvimento moral romântico. A canção funciona como um pregão de Paris, para criar um mercado público que faz o diálogo avançar. A performance ainda ilumina o grotesco e conduz a narrativa até que a justiça seja restaurada, com o ressurgimento e acolhimento do menino morto pela família e com o castigo capital da madrasta homicida.

Contos de fadas aplicados ao universo infantil

Nesta categoria, encontram-se artigos que analisam os contos de fadas sob a problemática do universo dos infantil, à aquisição da alfabetização, oralidade e escrita, questões relacionadas ao feminino e a gênero, abordagem da experiência de adoção, as consequências da violência sofrida por crianças, interações familiares e como os contos de fadas se encontram na contemporaneidade.

Gorete e Maria (2023) analisaram a influência da percepção de duas professoras, regentes de turmas de crianças entre 3 e 5 anos, sobre o trabalho com contos de fadas em sala de aula. Utilizaram o método etnográfico com observações de aulas e entrevistas com as professoras. As pesquisadoras concentraram esforços em identificar: O que as professoras pensam sobre infância e a importância da literatura na vida das crianças e o trabalho com os contos de fadas na Educação Infantil. Na pesquisa foi identificada a importância da linguagem imaginativa como instrumento insubstituível na formação humana, destacando-se as qualidades literárias do conto e o envolvimento que as crianças demonstram com esse tipo de linguagem. Identificou-se igualmente que a mediação das professoras trouxe contribuições para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e uma aproximação lúdica e prazerosa com a literatura e a leitura. Por fim, evidenciaram que o encontro entre crianças e literatura contribui para que a curiosidade seja despertada, leva questionamentos, a falar de sentimentos, impressões e pensamentos, contribuindo na formação como sujeitos autônomos, críticos e criativos.

Junior e Thies (2021) problematizaram o que jovens leitores têm a dizer sobre contos de fadas, a fim de compreender o fenômeno da permanência dessas histórias na contemporaneidade. O trabalho foi baseado em grupo focal, composto por adolescentes com idade entre 13 e 17 anos. Na atividade foi composta uma lista com as dez narrativas mais citadas, 08 (oito) tornaram-se produções da Disney. A metodologia permitiu identificar que os participantes na maioria utilizavam a terminologia “Disney”, seguida de “Filme” e “Livro (s) e Livrinho (s)”, no lugar de Contos de Fadas.

O que permitiu verificar que os elementos dos contos de fadas continuam presentes em séries, filmes e livros populares, mas existe um distanciamento entre eles. Contudo, o estudo aponta que existe o estado da permanência do gênero contos de fadas nas práticas correntes de leitura e consumo cultural do grupo de jovens leitores objeto do estudo.

Radino (2001) analisou o tratamento dado à oralidade na educação infantil, a partir da forma como os contos de fadas são apresentados aos alunos, pelos professores e a abordagem dada pelo Referencial Curricular para Educação Infantil (1998) à linguagem oral e escrita. Foram realizadas entrevistas com professores de educação infantil, em uma cidade do interior paulista. Não mencionados a cidade ou o número de entrevistados. Como resultados, percebemos que a escola, em sua função alfabetizadora e por acreditar que as crianças provêm de um meio sociocultural desfavorecido, valoriza a linguagem escrita e despreza a oralidade, o que é considerado um problema, pois os contos de fadas são narrativas orais e que dependem de elementos como entonação da voz e a fisionomia de quem conta, o que pode fazer com que se perca sua função auxiliar na construção simbólica da criança, o que facilitaria o próprio processo de alfabetização.

Lodi (2004), refere-se a um estudo dos processos discursivos da língua brasileira de sinais (LIBRAS), no gênero contos de fadas, à luz da teoria enunciativa de Bakhtin. Buscou-se analisar os aspectos enunciativos específicos e particulares da LIBRAS no gênero contos de fadas e a descrição de como se estabelecem as relações discursivas no gênero. Com o objetivo de explicitar as particularidades do estilo e das formas composicionais utilizadas para o tratamento do tema do discurso da LIBRAS, propondo um deslocamento do olhar a partir da realização de uma leitura preliminar dos processos discursivos da língua brasileira de sinais (LIBRAS) no gênero contos de fadas. Foram analisados contos de fadas sinalizados por um surdo fluente em LIBRAS. O artigo analisou dois contos: Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos, identificando uma relação entre as vozes dos personagens e o lugar no espaço em que o narrador se coloca. Percebeu-se igualmente que o direcionamento no olhar, as expressões faciais e a direção dos sinais e o movimento corporal são indicadores para o texto. O artigo conclui posicionando-se quando a necessidade da existência de novos trabalhos com vistas a aprofundar os estudos em LIBRAS e os contos de fadas.

Martins (2016) procurou demonstrar como Barbara G. Walker e Angela Carter subvertem as noções de beleza feminina, típicas dos contos de fadas, ao relerem a versão do conto “A Bela e a Fera”, de Madame Jeanne-Marie Leprince de Beaumont em “Ugly and The Beast” e em “The Tiger’s Bride”. O ensaio teórico analisa o fato de os contos de fadas estarem repletos de mulheres belas, educadas e doces o que lhes conferiria um destino privilegiado. Em contrapartida as vilãs são sempre feias. O texto analisa a subversão deste paradigma a partir da leitura dos dois textos apresentados. Embora a valorização da beleza e dos bons modos represente uma sociedade patriarcal opressora, o texto não nega que se trata de uma prática amplamente aceita pelas mulheres. Os contos, objetos do estudo são “The Tiger’s Bride” (A Noiva do Tigre), de Angela Carter (1940-1992), e “Ugly and the Beast” (A Feia e a Fera), de Barbara G. Walker (1930-). A escolha se deve ao fato de essas revisões rompem com o ideal de beleza feminina das histórias tradicionais, por meio de um contraste paródico central é a transformação da Bela em uma verdadeira Fera, contos em que, diferente do que se espera as feias é que se dão bem.

Rosa (2008) esclarece os lutos e fantasias que envolvem o processo de adoção que inscreve uma criança em uma simbologia familiar. Por meio da narratividade da experiência clínica, desenvolve-se uma interface dessas fantasias com contos de fadas e outras histórias literárias, pretendendo ir além da visão romantizada da adoção, o amor envolvido que confina à obscuridade as fantasias implicadas para pais biológicos, adotivos e crianças adotadas. Buscou-se dialogar sobre sintomatologias neuróticas em pessoas adotadas, tendo como referencial teórico a psicanálise e a noção de fantasias inconscientes. O artigo reconhece os contos com potencialidade não ameaçadora para a criança resolver ou buscar soluções para seus dilemas. Contudo, não consideram apenas os contos de fadas como relevantes à criança no seu desenvolvimento e na solução de seus conflitos. Postulam que qualquer história que a criança use para engancha suas fantasias pode ser aproveitada pelo terapeuta infantil. O trabalho conclui que o processo de adoção, tanto para pais como para filhos, depende das condições de desejo dos pais, da possibilidade de estes inscreverem seus filhos na amarragem simbólica familiar. Inscrevendo-os em uma história que já começou a ser contada muito antes da chegada deles e reiteram o papel das histórias literárias como uma via

de acesso ao inconsciente infantil, às constelações de fantasias, rompendo com uma história que parecia já estar escrita, trazendo novas possibilidades de recontagem e reconstrução.

Alves e Emmel (2008) realizaram análise multifatorial do fenômeno da violência e respaldando-se em teorias que consideram a importância dos contos de fadas no desenvolvimento emocional infantil. Fizeram isso através de pesquisa com um grupo composto por três crianças vítimas de violência doméstica: descrever o impacto das narrativas dos contos de fadas na emergência de conteúdos emocionais latentes, através das verbalizações das participantes durante as ações lúdicas, e traçar considerações a respeito do contexto em que a criança se desenvolve. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com os cuidadores das crianças e intervenções junto ao grupo, a partir de sessões de contação de histórias e atividades simbólicas. Participaram três crianças do sexo feminino, entre cinco e sete anos, e seus cuidadores, encaminhadas pelo Conselho Tutelar de Francisco Morato. Elegeram-se os temas: história regressa familiar; rede social de suporte; ambiente familiar; influências externas. Foram realizadas 14 sessões de narrativas orais de contos-de-fada e atividades simbólicas, que tiveram duração média de 60 minutos. Os resultados demonstram aspectos do microsistema, exossistema, mesossistema e macrosistema enquanto fatores de risco para a instalação da violência. Sugere-se ainda que as narrativas orais possam servir como suporte, reunindo em si um repertório de elementos que, ocasionalmente, despertam na criança conteúdos relacionados às vivências pessoais.

Rojo (1998) se baseia no ponto de vista segundo o qual a sócio-construção da ação e da linguagem é fundamentalmente determinada pela sócio-história das interações e das atividades de linguagem em que sujeitos em constituição estão e estiveram imersos. Mediante análise de dado busca demonstrar que diferentes matrizes de atividade de linguagem ligadas à construção de diferentes gêneros do discurso, terão efeitos diversos na constituição das formas de ação e das formas de dizer a ação. Os gêneros familiares dialógicos seriam responsáveis tanto pela constituição das normas de ação, como por sua normalização. Em momentos mais avançados da constituição da linguagem, diferentes gêneros narrativos, os relatos e os contos de fadas, tendo as particularidades de serem gêneros construídos relativamente cedo pelas crianças e de tematizarem as ações de diferentes maneiras, teriam um papel importante na sócio-construção de discursos sobre a ação e, a partir disto, também sobre sua consciência.

Xavier Filha (2011) analisa as representações de gênero sobre o universo dos contos de fadas apreendidas em momentos de pesquisa-ação com crianças em uma escola pública em Campo Grande. Buscaram entender como as crianças constroem representações de gênero a partir da descrição física e comportamental de princesas e príncipes dos contos de fadas clássicos. Observaram que suas representações são ligadas ao que socialmente e em termos hegemônicos é considerado ideal de masculinidade e feminilidade. Algumas resistências são observadas na produção textual dos meninos. As meninas parecem mais conformadas aos ditames de gênero, considerados como a possibilidade ideal e desejável para a sua constituição identitária.

Werlang, Nunes e Borges (2014) analisaram evidências de validade com base na estrutura interna do Teste dos Contos de Fadas/TCF, em uma amostra brasileira, com vistas a avaliar aspectos dinâmicos da personalidade de crianças com idades entre seis e onze anos. Estudo envolveu 315 crianças da população geral e 167 crianças de grupos clínicos. Foram utilizados: ficha de dados sociodemográficos; Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven - Escala Especial e o TCF. As crianças da amostra foram localizadas em escolas públicas e privadas e em instituições de saúde e de proteção infantil. Os resultados da análise fatorial exploratória revelaram uma solução com sete fatores. Esses resultados foram satisfatórios e servem como evidências de validade do Teste de Contos de Fadas sob a perspectiva de sua estrutura interna.

Souza *et al.* (2008) discutiram os julgamentos das crianças sobre ações e sentimentos de personagens dos contos, baseados nos conceitos de valores, julgamentos e apreciações emocionais, de Piaget. Partindo do princípio de que os julgamentos e a capacidade de avaliar sentimentos evoluem com a idade. O método utilizado foi a entrevista clínica piagetiana adaptada aos dois contos, com 76 crianças de cinco a dez anos sobre interpretações de dois contos de fadas dos Irmãos Grimm: O lobo e os sete cabritinhos e Senhor lobo e senhora gata. As crianças eram provenientes de ambiente educacional, de São Paulo e de São José dos Campos e frequentavam escolas de ensino infantil e fundamental da rede privada, com seleção aleatória. Os resultados

indicaram diferenças entre as crianças mais velhas e as mais jovens da amostra, mas as análises estatísticas não apontaram diferenças significativas para comparações entre crianças de faixas etárias mais próximas. Esta pesquisa contribuiu para a discussão sobre o uso de contos de fadas em estudos sobre valorizações afetivas e julgamentos em crianças.

Discussão

O presente estudo analisou a produção científica no indexador Scielo sob os contos de fadas. Foram identificadas duas categorias: a primeira tendo como parâmetro elementos que compõem o universo adulto e a segunda abordagem tendo como parâmetros elementos que compõem o universo infantil.

Na atualidade pode-se afirmar que os contos de fadas é um gênero da literatura destinado ao público infanto-juvenil, entretanto, não sempre assim. Juvino (2013) aponta que os contos de fadas, historicamente, nasceram na França do século XVII, e pelas mãos de Charles Perrault. No início estes textos eram destinados ao deleite de adultos. Segundo a mesma autora, o principal argumento seria que tais textos apresentariam elementos como: incesto, adultério, violência, entre outros.

Entre os artigos pesquisados encontrou-se, nos que abordaram o universo adulto, temas como: questões de gênero, psicologia, releituras, adaptações, recriações, subversões e análise do mercado editorial.

O debate de gênero foi retratado em 3 dos 9 artigos dessa categoria. O debate de gênero tem como questão principal abordar aspectos sociais e questões sobre as diferenças entre homens e mulheres para além dos seus aspectos biológicos (LORO, 2007).

Podemos perceber que a literatura de conto de fadas tem buscado discutir essas questões reivindicando novos olhares sobre a figura da mulher na sociedade. Oliveira (2008) analisando os 28 livros didáticos identificou que a representação de homens e mulheres no que diz respeito ao papel profissional, econômico e às relações afetivas ainda se encontra estereotipada.

Oliveira (2001) analisou a personagem Arlequina a fim de compreender sua construção, representação e seu poder pedagógico ao ensinar aspectos relacionados ao gênero feminino e sexualidade. A autora identificou o poder pedagógico dos gibis, pois em alguns gibis, Arlequina ensina e reforça paradigmas de uma sociedade machista e heteronormativa, e, em outros, ensina e propaga um feminino emancipado, possibilitando uma progressão do olhar sobre as concepções de gênero e sexualidades construídas socialmente. Em nossa pesquisa observamos uma construção, subversão e reinterpretação de personagens dos contos de fadas para discutir temas que são relevantes e atuais. Isso é significativo porque tanto os contos de fadas, como os gibis, os livros didáticos e outros artefatos que podem refletir e constroem percepções e representações sobre os indivíduos e a sociedade. No caso específico dos contos de fadas, percebemos que muitos desses foram construídos em períodos que o papel da mulher na sociedade restringia-se a esposa e cuidadora dos filhos. Nesse sentido podemos observar que os contos de fadas parecem estar buscando reivindicar novos olhares.

Abramowicz (1999) defende uma proposta de subversão dos contos de fadas, considerado um universo arcaico e tradicional das sociedades em que se vê na realidade um “enganche” no passado pois tais textos estabelecem modelos de sociedade que se impõem com uma imagem tradicional da família e a promessa de um lar, com valores, formas de condutas, de felicidades e promessa de casamento. O artigo concorda que tal subversão já ocorre, mas em pouca intensidade. Acredita-se que tal conclusão se deva a data de produção do artigo, o que permite inferir, tratava-se de um mundo muito diferente, com contos de fadas menos “subvertido” que o atual.

O artigo também defende a importância dos contos de fadas, na medida em que postula que valores e hábitos sociais foram parcialmente influenciados por essa literatura. Entretanto, a mesma autora afirma que tais textos são dotados de um caráter oral e popular que permite muitas versões. Percebe-se uma dupla defesa, na medida em que afirma que os contos de fadas influenciaram a sociedade, igualmente, admite que a sociedade os influenciou.

Tal informação mostra-se relevante na medida em que se leva em consideração que não se tratava de uma influência que partia de teóricos e acadêmicos, mas, da própria sociedade. Isso

configuraria uma adaptação dos contos de fadas não por um projeto de “subversão” defendido nas grandes universidades, mas orgânico, partindo da sociedade, de pessoa simples, na maioria das vezes, ágrafas, que ao longo das gerações, compartilhavam tais histórias e contribuíram para fazer dos contos de fadas o que são.

Mesmo caminho Wittmann (2014) propõe um olhar sobre os praticantes do crossdressing no Brasil. O artigo volta seus olhares para os praticantes de crossdressing, homens que, ocasionalmente, vestem-se de mulher. Os contos de fadas surgem apenas como o objetivo de propor uma analogia entre o nome da obra: “Sapos e princesas”, e os praticantes de crossdressing que, em sua vida rotineira são sapos (homens) e em outras tornam-se mulheres (princesas).

Questões mais técnicas referente a produção de um livro são abordados por Oliveira e Martins (2016), que analisam, o trabalho do tradutor/adaptador. O artigo discutiu em que medida um novo projeto editorial pode ressignificar uma reescrita. Em tela, a adaptação dos contos de Perrault feita por Walcyr Carrasco. A tradução é vista como resultado das relações que ocorrem autor, texto e leitor das culturas fonte e meta, com foco no texto meta e seu autor.

O artigo defende que editores, críticos e tradutores, apresentam semelhanças em termos ideológicos e notam-se influências dos agentes citados na tentativa de inserir Walcyr Carrasco na tradição de contador de histórias que remete a Perrault e passa pelos Irmãos Grimm, em especial no prefácio de Regina Zilberman que defende os méritos dos contos de Charles Perrault. Ressalta a habilidade narrativa de Carrasco, para concluir que, a versão brasileira ficou melhor que a original. Logo, para a prefaciadora, Carrasco apareceria mais competente como autor, todavia, sugere-se a prudência de se aguardar, talvez, uns 100 (cem) anos, para que se verifique na realidade lastro para tais palavras.

Uma abordagem mais psicológica dos contos de fadas é apresentada em Ramos-Cerqueira *et al* (2004), que analisou estratégias de acolhimento para os estudantes no término do curso. Período que os estudantes deixam de ser aluno para ter novas responsabilidades e enfrentar o exame de residência. Defendendo que os médicos apresentam dificuldades de lidar com sentimentos, o artigo descreve atividades que utilizaram contos de fadas como mediadores em Psicodramas como forma de possibilitar melhor expressão dos sentimentos e emoções experimentadas pelos estudantes ao final do curso, uma proposta defendida por Cassorla (1994). Foram realizadas sessões de Sociodrama que possibilitaram a troca de experiências entre os alunos e o acolhimento de suas angústias, muitas delas coletivas e próprias daquele contexto. Os contos de fadas foram utilizados como mediadores, possibilitando aos alunos externarem os aspectos emocionais que vivenciavam. Outro exemplo de uma abordagem mais psicológica dos contos de fadas foi sobre experiência de um parto em a partir de visão masculina (Luz, 2003), que partiu das vivências culturais de um indivíduo, dispondo-se à descoberta simultânea daquilo que oculta e desvela esse fenômeno, trazendo a ideia de que a presença do pai é importante no parto.

Acerca dos contos de fadas que mantiveram seu foco no universo infantil percebe-se que, Gorete e Maria (2023) focaram esforços tendo como objeto a educação infantil, com crianças entre 3 e 5 anos. A pesquisa possibilitou perceber a importância da linguagem imaginativa como instrumento insubstituível na formação humana, destacando-se as qualidades literárias dos contos e o envolvimento que as crianças demonstram com esse tipo de linguagem. Relevante se apresenta na estratégia de crianças se aproximarem da literatura. Entretanto merece atenção o fato de a abordagem constatar que o sucesso dessa empreitada se mostra ligada à mediação das professoras e à maneira como elas veem a literatura. O que permite inferir que, uma professora apaixonada pela literatura poderia, em alguma medida, compartilhar essa paixão com as crianças, como também seria possível o contrário.

Compreender o fenômeno da permanência dos contos de fadas na contemporaneidade foi o tema de Rosa Junior e Thies (2021) que buscou, a partir de um grupo de adolescentes debater assunto. O artigo afirma que se afastaram um pouco da rigidez do método proposto inicialmente, como roteiro de perguntas pré estruturado, para atividades mais lúdicas. Contudo entendem que foram capazes de manter a essência técnica original. Na atividade foi composta a construção de uma lista com as dez narrativas com o tema contos de fadas. Dentre as mais citadas, 08 (oito) tornaram-se produções dos estúdios Disney.

A metodologia permitiu identificar os elementos constitutivos dos contos de fadas

continuam presentes em séries, filmes e livros populares, embora, exista um distanciamento entre eles, evidenciando que existe um componente de resistência dos contos de fadas. Essa realidade pode ser percebida facilmente, bastando para tal, que se acesse o catálogo de filmes dos serviços de *streaming* que se identificará dezenas de produções que são releituras de contos de fadas. Muitos deles buscando uma desconstrução ou como já citado, uma subversão do texto original. O que a rigor evidencia e confirma a relevância de tal gênero literário.

A educação retorna com a abordagem de Radino (2001), o artigo aponta que a escola, acredita que as crianças provêm de um meio sociocultural desfavorecido, por isso dá mais valor à linguagem escrita. O que pode ser considerado um problema, pois os contos de fadas são narrativas orais e que dependem de elementos como entonação da voz e a fisionomia de quem conta, o que pode fazer com que se perca sua função auxiliar na construção simbólica da criança, o que facilitaria o próprio processo de alfabetização. Nesse sentido o artigo verificou que muito pouco se utiliza os contos de fadas e quando o fazem, são transformados em pretextos para tarefas escolares, perdendo sua função lúdica e estética. Verdade que o artigo conta 21 anos desde a sua produção então, é possível que a realidade descrita por ele pode ter mudado, inclusive para pior.

Alves e Emmel (2008), realizaram análise multifatorial do fenômeno da violência e respaldando-se em teorias que consideram a importância dos contos de fadas no desenvolvimento emocional infantil, através de pesquisa com um grupo composto por três crianças, vítimas de violência doméstica.

Buscou-se descrever o impacto das narrativas dos contos de fadas na emergência de conteúdos emocionais latentes. Sugere-se que narrativas orais servem como suporte, reunindo em si um repertório de elementos que, ocasionalmente, despertam na criança conteúdos relacionados às vivências pessoais.

Ademais, o artigo apresenta no início a ideia de que existe um dever do adulto, que pressupõe a figura da família ou responsáveis em proteger crianças e adolescentes, conforme confirma Guerra (1998, p. 32):

Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima, implica, de um lado, numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento

Deixando clara a ideia de que sobre a família, notadamente genitores repousaria a responsabilidade de cuidar dos atores mencionados. Percebe-se também que em momento algum apresenta grafada a palavra “autoridade”, embora já registro de “autoritária”, “autoritárias”, “autoritário”, “autoritários” e “autoritarismo”, sempre se referindo a práticas de genitores, especialmente as mães, com relação à criança e adolescente. Nessa linha, pode-se inferir que a ideia de omitir a palavra autoridade em detrimento de autoritarismo e suas variantes seja um método.

Destaca-se também o artigo defende que: “as crianças de alto risco social são vitimadas pelo sistema sócio-econômico capitalista”. Nesse aspecto o artigo carece de uma argumentação mais sólida, visto que não apresenta dados em oposição oriundos de sistemas socioeconômicos que não seriam capitalistas.

Na mesma linha as autoras afirmam que o sistema mencionado “impõe um tipo de violência estrutural característica de sociedades marcadas pela desigualdade da distribuição de renda e pela dominação de classes”. A citação mais se assemelha a uma panfletagem, na medida em que, pressupõe, sem apresentar dados, que, sociedades desiguais somente existiriam em sistemas socioeconômicos capitalistas. Quanto a utilização dos contos de fadas, percebe-se que o artigo afirma textualmente que “elegeram-se os contos de fadas como ponto de partida das ações lúdicas”. O que permite inferir que tais contos não foram o ponto central do trabalho.

Rojo (1998), baseia no ponto de vista segundo o qual a sócio construção da ação e da linguagem é fundamentalmente determinada pela sócio-histórica das interações e das atividades

de linguagem em que sujeitos em constituição estão e estiveram imersos. Em momentos mais avançados da constituição da linguagem, diferentes gêneros narrativos, os relatos e os contos de fadas, tendo as particularidades de serem gêneros construídos relativamente cedo pelas crianças e de tematizarem as ações de diferentes maneiras, teriam um papel importante na construção de discursos sobre a ação e, a partir disto, também sobre sua consciência. O artigo apresenta uma ideia já trazida Radino (2001), de que os contos de fadas não são trazidos à análise não para serem objetos de estudos, mas para contribuir com coadjuvantes em outro estudo.

A representação de gênero, no universo dos contos de fadas, é abordada por Xavier Filha (2011), por meio de momentos de pesquisa-ação com crianças em uma escola pública em Campo Grande. O objetivo foi entender como as crianças constroem representações de gênero a partir da descrição física e comportamental de princesas e príncipes dos contos de fadas clássicos. Observou-se que suas representações são ligadas ao que socialmente é considerado ideal de masculinidade e feminilidade. Resistências foram observadas na produção textual dos meninos já as meninas parecem mais conformadas aos ditames de gênero, considerados como a possibilidade ideal e desejável para a sua constituição identitária. O trabalho parece desconsiderar que a criança está inserida em uma convivência social própria, fora do ambiente escolar e literário. Seria como se a formação de uma criança fosse possível apenas a partir de modelos existentes literatura. Nesse caso, modelos maternos e paternos e de outros familiares como avós e avôs, tios e tias e amigos estariam fora do processo.

Evidências de validade com base na estrutura interna do Teste dos Contos de Fadas/TCF, foi abordado por Werlang *et al.* (2014) envolvendo 315 crianças da população geral e 167 crianças de grupos clínicos. Os resultados da análise fatorial exploratória revelaram uma solução com sete fatores que foram avaliados e interpretados de acordo com a proposta teórica do teste. Esses resultados foram satisfatórios e servem como evidências de validade do Teste de Contos de Fadas sob a perspectiva de sua estrutura interna

Caminho semelhante seguiu Souza *et al* (2008), que discutiram os julgamentos das crianças sobre ações e sentimentos de personagens dos contos, baseados nos conceitos de valores, julgamentos e apreciações emocionais, de Piaget. A compreensão cognitiva, possíveis diferenças de gênero no julgamento sobre ações dos personagens e elementos ligados às identificações com as personagens indicaram diferenças entre as crianças mais velhas e as mais jovens da amostra, mas as análises estatísticas não apontaram diferenças significativas para comparações entre crianças de faixas etárias mais próximas. Esta pesquisa contribuiu para a discussão sobre o uso de contos de fadas em estudos sobre valorizações afetivas e julgamentos em crianças.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo buscamos analisar a produção científica sobre contos de fadas, identificando dois enfoques principais: público infantil e adulto. Identificamos 22 artigos que estão organizados em duas categorias, a primeira tendo como parâmetro elementos que compõem o universo adulto e a segunda abordagem tendo como parâmetros elementos que compõem o universo infantil. Tal abordagem se dá na medida em que este gênero literário apresenta, ao longo da história, como público alvo tanto adultos como crianças.

Os temas abordados são variados, questões de gênero, psicologia, releituras, adaptações, recriações, subversões, análise do mercado editorial, leitura e letramento, educação infantil a comunicação entre surdos. Contudo não se percebeu no decorrer da análise uma preocupação com o texto literário conto de fadas, mas apenas o usavam como uma espécie de ferramenta ou de meio para atingir um determinado fim.

Finalmente percebe-se que os artigos utilizam os contos de fadas como pretexto para atingir um objetivo, que pode ser a defesa de uma mudança na maneira como a sociedade se relaciona, numa tentativa de melhorá-la ou um diagnóstico psicológico, pedagógico e até mercadológico.

Concluimos que a relação da academia com os contos de fadas é de uma ferramenta, sempre de maneira coadjuvante em disciplinas transversais em busca do atingimento de objetivos que em nada se aproxima do que se poderia apresentar originalmente para textos deste gênero. Obviamente, não se deve entender como uma observação negativa em suas propostas tais artigos

podem contribuir com nas suas propostas, entretanto, entende-se que os contos de fadas têm sido negligenciados quando a sua aplicação mais primordial, o estudo dos contos de fadas como contos de fadas.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. Contos de Perrault, imagens de mulheres. **Cadernos CEDES**, v. 19, p. 80-98, 1998.

ALVES, Heliana Castro; EMMEL, Maria Luisa Guillaumon. Abordagem bioecológica e narrativas orais: um estudo com crianças vitimizadas. **Paidéia**, v. 18, p. 85-100, 2008.

BRICKER, Mary. Formas do grotesco em A amoreira. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, p. 21-41, 2017.

CASSORLA, R. M. S. Dificuldades no lidar com aspectos emocionais na prática médica: estudo com médicos no início de grupos Balint. **Rev. ABP-APAL**, v.16, n.1 p.18-24, 1994.

GARCÍA, André Luiz Ming. O livro ilustrado de conto de fadas metatextual e metaficcional como reinvenção do conto Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm. **Pandaemonium Germanicum**, v. 23, p. 63-89, 2020.

GREGORIN FILHO, José N. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. -São Paulo: Editora Melhoramento, 2009.

GUERRA, V. N. de A. **Violência de pais contra filhos: A tragédia revisitada**. São Paulo: Cortez. 1998.

JUVINO, A. da. S. **Contos de fadas: uma leitura comparada entre o tradicional e o moderno**. 2013. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Literatura Comparada) Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2013.

KIELB, Eliziane Gorete; MENDES SILVA, Ivone Maria. Contos de fadas na sala de aula: perspectivas de professoras atuantes na Educação Infantil. **Pro-Posições**, v. 34, p. e20200155, 2023.

LEÃO, Andréa Borges. FAZER DO VELHO UMA NOVIDADE: as reinvenções dos best-sellers juvenis. **Caderno CRH**, v. 29, p. 463-476, 2016.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 20, p. 281-310, 2004.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 20, p. 281-310, 2004.

LUZ, Anna Maria Hecker; ZANETTI, Lou. O conto de fada e da paternidade moderna. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 56, p. 292-297, 2003.

MARTINS, Maria Cristina. “ E a Bela dançou...”: subvertendo o belo feminino dos contos de fadas. **Revista estudos feministas**, v. 24, p. 351-363, 2016.

OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de; MARTINS, Márcia Amaral Peixoto. A nova edição dos contos de Perrault: Regina Zilberman ressignifica Walcyr Carrasco. **Cadernos de Tradução**, v. 36, p. 175-193, 2016.

PINHEIRO, Marta Passos; GOMES, Sabrina Ramos. Os “novos” contos de fadas: tradição e inovação em a Bela e a Adormecida, de Gaiman e Riddell. **Ilha do Desterro**, v. 71, p. 35-56, 2018.

RADINO, Gloria. Oralidade, um estado de escritura. **Psicologia em Estudo**, v. 6, p. 73-79, 2001.

RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu et al. Era uma vez... contos de fadas e psicodrama auxiliando alunos na conclusão do curso médico. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, p. 81-89, 2004.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Agir, obedecer e as formas de dizer a ação: as interações familiares na construção das ações, da linguagem e do sujeito social. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 15, p. 237-267, 1998.

ROSA JUNIOR, Paulo Ailton Ferreira da; THIES, Vania Grim. Em busca dos contos de fadas na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260083, 2021.

ROSA, Daniela Botti da. A narratividade da experiência adotiva: fantasias que envolvem a adoção. **Psicologia Clínica**, v. 20, p. 97-110, 2008.

ROSA, Paulo Ailton Ferreira da; THIES, Vania Grim. Em busca dos contos de fadas na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260083, 2021.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de et al. Julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana. **Psico-usf**, v. 13, p. 265-276, 2008.

WERLANG, Blanca Susana Guevara; NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva; BORGES, Vivian Roxo. Evidências de validade com base na estrutura interna no Teste dos Contos de Fadas. **Psico-USF**, v. 19, p. 107-118, 2014.

WITTMANN, Isabel. Contos de fadas da vida real: conhecendo praticantes de crossdressing no Brasil. **Rev. Estud. Fem.** V.22 n.3, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 591-603, 2011.

Recebido em: 15 de março de 2024
Aceito em: 15 de dezembro de 2024